

# Unidade fenomenológica e teleologia da vida intencional nas *Investigações Lógicas* de Husserl

## *Phenomenological unity and teleology of the intentional life in Husserl's Logical Investigations*

Carlos Diógenes Côrtes Tourinho  
Universidade Federal Fluminense  
cdctourinho@gmail.com

### Resumo

O presente artigo concentra-se sobre a Sexta Investigação de *Investigações Lógicas* (1901) de Edmund Husserl. Tem como objetivo principal abordar as implicações da tarefa de elucidar fenomenologicamente o conhecimento. Num primeiro momento, o artigo aborda a relação entre intenções significativas e intuitivas, bem como a unidade fenomenológica entre ambas as intenções. Esta mesma unidade é tratada na perspectiva “estática” e, em seguida, na perspectiva “dinâmica”. Na segunda parte, o artigo concentra-se sobre os níveis fenomenológicos do conhecimento, destacando a teleologia originária da vida intencional, na dinâmica da relação entre intenções significativas e intuitivas.

**Palavras-chaves:** Investigações Lógicas. Significação. Intuição. Conhecimento. Unidade fenomenológica. Teleologia.

### Abstract

*The present paper focuses on Edmund Husserl's Sixth Investigation of Logical Investigations (1901). Its main objective is to approaches the implications of the task of phenomenologically elucidating knowledge. At first, the paper addresses the relationship between meaningful and intuitive intentions, as well as the phenomenological unity between both intentions. This same unity is treated in the "static" perspective and then in the "dynamic" perspective. In the second part, the paper focuses on the phenomenological levels of knowledge, highlighting the teleology of the intentional life, in the dynamics of the relationship between meaningful and intuitive intentions.*

**Keywords:** *Logical Investigations*. Meaning. Intuition. Knowledge. phenomenological unity. Teleology.

## Introdução

Publicada em 1901, a Sexta Investigação torna-se um dos volumes mais importantes de *Investigações Lógicas*, obra que, como sabemos, marca

decisivamente os rumos do longo itinerário husserliano na primeira metade do século XX. No último volume da obra – publicado separadamente a partir da segunda edição, em 1913 – Husserl se dedica à tarefa de promover, como o próprio título desse volume anuncia, uma elucidação fenomenológica do conhecimento, cujas bases iniciais haviam sido lançadas já na Primeira Investigação. A tarefa de elucidação do conhecimento implica, já na abertura da Sexta Investigação, na retomada do problema da “relação” entre intenções significativas e seus preenchimentos intuitivos e, por conseguinte, no reencontro com o tema da “unidade fenomenológica” entre significação e intuição (tema anunciado, mas não desenvolvido o suficiente, na Primeira Investigação). O presente artigo aborda exatamente as referidas implicações da tarefa de elucidar fenomenologicamente o conhecimento, procurando ainda mostrar, na Sexta Investigação, que a relação entre intenções significativas e intuitivas, bem como a unidade fenomenológica entre ambas supõe, por sua vez, já na experiência pré-predicativa, uma teleologia originária da vida intencional, algo que somente se revela, de maneira mais clara ao leitor das *Investigações*, no Capítulo 3 do último volume da obra.

Desde a Primeira Investigação, nos deparamos, a propósito do que Husserl chama de “atos intencionais objetivantes” (isto é, atos que visam “objetos”), com uma distinção propedêutica na fenomenologia das *Investigações*: a distinção entre atos intencionais “significativos” e atos intencionais “intuitivos”, nos quais se evidencia a presença da coisa que, anteriormente, apenas era visada em termos significativos e, portanto, de forma “remota” (*sachfernen*), conforme dirá Husserl (HUSSERL, [1931/ 1929] 1973, § 4, p. 53). Alinha-se, com tal distinção, uma dualidade de funções a propósito dos atos intencionais objetivantes: a função “simbólica” (que envolve tão somente a função de “significar”) e a função “cognitiva” (na qual temos o “preenchimento intuitivo” de tais intenções significativas, isto é, não apenas pensamos significativamente na coisa visada, mas, além disso, nos deparamos com sua presença intuitiva, seja perceptiva ou imaginativa). Temos, portanto, algo como uma adequação entre tais ações intencionais que, por sua vez, se fundem intimamente em uma unidade.

Os parágrafos iniciais da Primeira Investigação mostram que tal fusão entre atos intencionais significativos e intuitivos comporta, por sua vez, uma “dupla síntese”. A primeira delas se dá, no discurso comunicativo dialógico, entre o

complexo fônico articulado (o caráter físico do signo lingüístico) e as intenções significativas, cuja ação se torna responsável por animar de sentido tal complexo fônico (a expressão verbal ganha, então, em tal discurso comunicativo, um sentido com as referidas intenções significativas). Já a segunda síntese – na qual encontramos, para Husserl, o conhecimento em sentido estrito, pois a intenção significativa encontra-se fundada na evidência da presença da coisa visada – ocorre entre a intenção significativa e seus respectivos preenchimentos intuitivos. Em outros termos, na segunda síntese, não apenas penso significativamente em algo e meramente expreso a sua significação em um discurso comunicativo dialógico, mas, além disso, tenho a evidência (mais ou menos adequada) da presença deste algo visado diante de mim (seja em uma vivência perceptiva ou imaginativa)<sup>1</sup>. Por fim, ainda nos parágrafos iniciais da Primeira Investigação, Husserl afirma que os elementos dessa “dupla síntese” – a expressão verbal, a significação e a intuição – se encontram em uma “unidade intimamente fundida” (*eine innig verschmolzene Einheit*) (HUSSERL, [1901] 1913a, § 10, p. 39). A Primeira Investigação deixa claro que falar de conhecimento implica em tratar desta tal unidade fenomenológica na qual se fundem intenções significativas e intuitivas<sup>2</sup>.

A tarefa de elucidação do fenômeno do conhecimento na Sexta Investigação implica, inicialmente, na retomada do problema não apenas da distinção, mas, sobretudo, da relação entre intenções significativas e preenchimentos intuitivos e, por conseguinte, na recuperação desta unidade fenomenológica, entendida, no último volume das *Investigações Lógicas*, como “unidade de conhecimento”, aparecendo, por sua vez, explicitamente, como um “quarto elemento” nesta fusão. Falamos, portanto, nos termos da Sexta Investigação: de expressão verbal (o aspecto físico do signo), dos atos intencionais significativos, dos preenchimentos intuitivos de tais intenções e da unidade fenomenológica propriamente dita (que

---

<sup>1</sup> “A intenção significativa apenas pensa o objeto, ao passo que a intuição nos dá alguma coisa do objeto ele mesmo...A possibilidade de um ato que se dirige ao objeto sem atingi-lo, longe de confundir o objeto existente com o objeto *puramente pensado*, nos permite compreender o sentido verdadeiro dessa distinção” (LEVINAS, 1963, pp. 104-105).

<sup>2</sup> Para maiores esclarecimentos acerca da “dupla síntese”, bem como da unidade fenomenológica entre o caráter físico do signo (o “complexo fônico articulado”), as intenções significativas e seus respectivos preenchimentos intuitivos, o leitor poderá se dirigir aos §§ 9-10 da Primeira Investigação. Cf. HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil I. “Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis”.

supõe, por sua vez, a fusão dos elementos anteriores, na dupla síntese mencionada acima).

O presente artigo concentra-se, portanto, no início da Sexta Investigação, tendo como objetivo principal a abordagem das primeiras implicações da tarefa de elucidar fenomenologicamente o conhecimento. Tais implicações colocam, por sua vez, o leitor face aos temas: da relação entre intenções significativas e intuitivas (e, portanto, da unidade fenomenológica entre ambas as intenções), bem como da realização teleológica inerente à dinâmica da relação entre tais intenções. O artigo tem, com isso, um caráter eminentemente elucidativo e procura, através da análise do texto husserliano, abordar os referidos temas. A análise detida do primeiro revela, aos poucos, a importância do segundo para a vida intencional. Passemos, então, a um exame mais detido da especificidade de ambos os temas, bem como da relação entre os mesmos.

## **Unidade fenomenológica “estática” e “dinâmica” entre intenções significativas e intuitivas na Sexta Investigação**

A tarefa de elucidar fenomenologicamente o conhecimento no início da Sexta Investigação implicou, conforme dissemos na Introdução do presente artigo, na retomada do problema – apenas anunciado, mas não desenvolvido e analisado o suficiente, na Primeira Investigação – da relação entre intenções significativas e intuitivas, bem como da unidade fenomenológica entre ambas as intenções. Em tal retomada, a grande novidade trazida já no início do Capítulo 1 da Sexta Investigação parece consistir na abordagem de tal unidade que, em princípio, poderia, enquanto “unidade de conhecimento” (*Erkenntniseinheit*), ser considerada à luz de uma perspectiva “estática” (*statische*) ou “dinâmica” (*dynamische*), conforme nos mostram, respectivamente, os §§ 6 e 8 do referido capítulo (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968). Surge, então, a tarefa de elucidar tal unidade sob a ótica de tais perspectivas. Eis o nosso objetivo inicial.

Temos, primeiramente, no § 6, a apresentação do problema da relação entre intenções significativas e intuitivas na perspectiva “estática”, na qual o nome expresso pelas primeiras intenções encontra-se como se estivesse “aplicado” às coisas, levando-nos, nesse sentido, a dizer algo como: o nome “repousa” (*legt sich*)

sobre elas. Tal recobrimento das coisas pelo nome nos remete para uma primeira abordagem da relação entre intenções significativas e intuitivas, na qual as primeiras estão, em uma relação de adequação, “preenchidas” pelas últimas. Trata-se, nos termos de Husserl, de uma “relação de unidade inerte” (*ruhende Einheitverhältnis*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, §6, p. 24) entre intenções que se encontram intimamente fundidas. Nela, o pensar que confere a significação encontra-se fundado na intuição e, com isso, referido ao seu objeto. No exemplo de Husserl (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, §6): falo do meu tinteiro e, “ao mesmo tempo” (*steht zugleich*), o tinteiro encontra-se, enquanto uma presença que se evidencia, diante de mim. O objeto da percepção é nomeado por um ato significativo, cuja expressão se dá na forma do nome que, por sua vez, se encontra “aplicado” ao objeto, como se fosse a sua “vestimenta” (*Kleid*). Em tal perspectiva de recobrimento da coisa pelo nome expresso, nos deparamos com as intenções significativas preenchidas intuitivamente pela presença do objeto visado, formando, com isso, uma unidade estática da qual temos consciência. Trata-se, portanto, de uma justaposição entre tais ações intencionais, pois, tal cobertura da coisa pelo nome se dá, a um só tempo, pela relação de adequação entre intenções significativas e intuitivas. O que nomeio como “meu tinteiro” encontra-se, simultaneamente, aqui e agora, como coisa percebida. Temos apenas a consciência de uma unidade estática ou de uma cobertura “em repouso” (*ruhenden*), conforme nos diz Husserl na abertura do § 8 da Sexta Investigação (HUSSERL, [1901] 1913b, p. 32). O nome “o meu tinteiro” como que “repousa” sobre o objeto percebido e, neste sentido, pode-se dizer, “pertence-lhe”. Mas, Husserl nos alerta quanto a este pertencimento, uma vez que, propriamente, as palavras não pertencem às coisas que exprimem significativamente e, sendo assim, não são visadas como algo na coisa que nomeiam. Se retornarmos às vivências intencionais, encontraremos, de um lado, os atos intencionais doadores de sentido para os quais aparecem as palavras e, de outro, atos intencionais intuitivos para os quais aparecem as coisas. Portanto, não são, propriamente, a “palavra” e a “coisa” que estão em relação, mas sim, as vivências de atos significativos e intuitivos nas quais palavra e coisa aparecem, respectivamente (HUSSERL, [1901] 1913b).

Em lugar da perspectiva de uma cobertura “em repouso” entre o nome e a coisa a qual “se aplica” e, portanto, de uma relação de adequação justaposta entre

intenções significativas e seus preenchimentos intuitivos, dando-nos a consciência de uma unidade estática, tomamos agora em consideração a unidade sob a perspectiva “dinâmica”. Como nos mostra o § 8 do Capítulo 1 da Sexta Investigação (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968), à expressão que, anteriormente, funcionava de forma meramente simbólica (ou significativa), acrescenta-se, posteriormente, a intuição que lhe seria mais ou menos correspondente. Experimentamos, em uma relação de “sucessão”, algo como um “acréscimo” e, mais precisamente, uma peculiar “consciência de preenchimento” (*Erfüllungsbewußtsein*), isto é, consciência da chegada de uma presença que se evidencia, seja em um vivido de percepção ou de imaginação<sup>3</sup>. A intenção puramente significativa encontra, em tal dinâmica, o seu preenchimento no modo de uma intenção que tende para um fim, na medida em que aspira a presença intuitiva do que antes era visado em termos meramente significativos. Eis uma primeira palavra sobre o caráter teleológico da vida intencional.

Na abordagem dinâmica, temos um decurso temporal entre o ato significativo como “anterior”, sucedido pelo ato intuitivo como “posterior”. Tal decurso supõe tempos distintos e, portanto, uma sucessão (um antes e um depois), além de uma adequação “mais ou menos” perfeita que, dinamicamente, transcorre em diferentes graus de perfeição, conforme veremos na próxima seção do presente artigo. Tem-se, na unidade dinâmica, não apenas a consciência de uma unidade estática entre intenções significativas e intuitivas, mas a consciência de preenchimento, como um processo no qual a intenção significativa caminha, face à evidência da presença da coisa visada, para preencher-se a si mesma, tendendo, portanto, para um “fim”. Nesta “vivência de transição” (*Übergangserlebnis*) entre pensar e intuir surge, de imediato, claramente, algo como uma “união”

---

<sup>3</sup> As primeiras palavras sobre o conceito de “intuição” nos remetem, em Husserl, para a experiência pré-predicativa e, mais precisamente, para o vivido de percepção, considerado pelo autor como privilegiado em relação à imaginação (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 21, § 37). “A percepção se caracteriza pelo fato de ter seu objeto ‘em carne e osso’ (*leibhaftiggeben*) diante dela. É por isso que ela é um ato intuitivo privilegiado, uma intuição originária, como Husserl a denomina” (LEVINAS, 1963, p. 108). Na percepção, nos deparamos com a coisa “ela mesma” (em sua doação efetiva), isto é, posso variar as determinações singulares de uma coisa sem que ela deixe de ser “ela própria”, em sua unidade. Husserl nos fala ainda de um “paralelismo necessário” entre percepção e imaginação, no sentido de que a possibilidade da primeira é acompanhada pela possibilidade da segunda. Na consciência imaginante, temos uma re-presentação da coisa percebida que, por sua vez, encontra-se reproduzida por semelhança nesta consciência. A unidade da coisa percebida mantém-se, contudo, em ambos os vividos intencionais. Cf. TOURINHO, C. D. C. “Percepção e Imaginação em Husserl: da coisa ‘ela própria’ à reprodução por ‘semelhança’”, 2020, pp. 11-20.

(*Zusammengehörigkeit*) de ambos os atos, a intenção de significação e a intuição que lhe corresponde de forma mais ou menos perfeita. Notamos aí um movimento, uma transposição do ato que apenas visa algo significativamente à distância para uma intenção significativa preenchida gradativamente pela “evidência” da presença do objeto visado, seja essa presença perceptiva ou imaginativa.

A consideração da distinção entre preenchimento “estático” e “dinâmico” nos mostra que, numa relação dinâmica entre intenções “significativa” e “intuitiva”, os elos dessa relação encontram-se, acompanhados por uma consciência de preenchimento, temporalmente distendidos, desdobrando-se, segundo Husserl, numa “forma temporal” (*Zeitgestalt*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 8, p. 34). Já na relação estática, tais elos da relação encontram-se – como resultado permanente desse transcurso temporal – em uma “cobertura temporal e objetiva” (*zeitlicher und sachlicher Deckung*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 8, p. 34), na qual as duas intenções se mantêm “justapostas” e, portanto, dadas a um só tempo. Por outro lado, na unidade dinâmica, temos, num primeiro momento, a intenção que apenas visa algo em termos meramente significativos e, portanto, de forma “remota” (*sachfernen*) (HUSSERL, [1931/ 1929] 1973, § 4, p. 53). A mesma intenção se apropria, num segundo momento, face à evidência da presença da coisa visada, de um preenchimento mais ou menos adequado, tornando-se, assim, pode-se dizer, gradativamente, “realizada”. Com isso, quando tal preenchimento ocorre, é como se os pensamentos estivessem, pouco a pouco, na expectativa continua de um futuro iminente, “satisfeitos” (*befriedigt*) na intuição da coisa visada. Na relação estática, por outro lado, temos somente esta consciência de cobertura “em repouso”, sem que fosse, eventualmente, precedida por uma intenção não preenchida. O preenchimento da intenção não é, na unidade estática, um processo no qual a intenção significativa vai se preenchendo aos poucos, em graus sucessivos de adequação, mas apenas um “estar preenchido em repouso” (*ruhendes Erfülltsein*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 8, p. 34).

Husserl alerta-nos, a propósito do processo gradativo de preenchimento de intenções significativas, que o mero pensar significativo *não* conhece. Daí o autor nos dizer, no § 8: “Mas o significar não é, ele próprio, o conhecer” (*Aber das Bedeuten ist darin nicht selbst das Erkennen*) (HUSSERL, [1901] 1913b, p. 33). É somente com tal transposição – da intenção meramente significativa para o

preenchimento intuitivo – que podemos começar a falar em “conhecimento”. Transposição essa que somente ocorre graças à evidência da presença intuitiva da coisa visada. Neste sentido, o preenchimento da intenção significativa se equipara, em sentido estrito, ao “conhecimento”, sendo o que melhor define, para Husserl, a “essência fenomenológica da relação cognitiva” (*phänomenologischen Wesen der Erkenntnisbeziehung*) (HUSSERL, [1901] 1913b, § 8, p. 33). Com isso, em primeiro lugar, temos a intenção de significação; só depois surge a intuição correspondente. De imediato, surge para nós uma unidade fenomenológica, que se anuncia, agora, como “consciência de preenchimento” (*Erfüllungsbewußtsein*). Falar em unidade fenomenológica é falar, portanto, em “unidade de conhecimento” (*Erkenntniseinheit*).

Se a perspectiva estática surge como um efeito da perspectiva dinâmica, essa última nos convida, por sua vez, no modo de conhecimento, para a dimensão teleológica da vida intencional: isto é, a intenção de significação tende, face à evidência da presença da coisa visada, para o seu fim: o preenchimento da própria intenção. Pode-se dizer, portanto, que os atos intencionais significativos aspiram, na relação cognoscitiva, a um preenchimento como seu “*telos*”. Podemos encontrar tal realização teleológica no que Husserl chamará, no § 16 do Capítulo 3 da Sexta Investigação, de “fenomenologia dos níveis de conhecimento” (*Phänomenologie der Erkenntnisstufen*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16, p. 64). Conforme veremos na próxima seção do presente artigo, cada grau de preenchimento intuitivo é um absoluto “mais ou menos” perfeito que visa um preenchimento ainda mais perfeito. Em última instância, temos a aspiração por um ideal de perfeição de adequação e, propriamente, uma realização teleológica inerente à vida intencional, já no âmbito da experiência pré-predicativa. Passemos, então, para um exame mais detido de tal realização.

## **Fenomenologia dos níveis de conhecimento e a realização teleológica da vida intencional na Sexta Investigação**

O Capítulo 3 da Sexta Investigação se torna de suma importância para a elucidação da teleologia da vida intencional<sup>4</sup>. Com certa frequência, Husserl insistia, no Capítulo 1, em dizer que o preenchimento intuitivo do ato intencional significativo era “mais ou menos adequado” (*mehr oder minder angemessene*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 8, p. 34). O que estaria, afinal, por trás dessa expressão? A análise atenta de tal capítulo permitia ao leitor antever tal realização teleológica na dinâmica das ações intencionais, ainda que não fosse possível, naqueles parágrafos iniciais, revelar o que tal realização supunha, algo que somente começará a se esclarecer no Capítulo 3, sobre o qual concentraremos, a partir de agora, o foco de nossas atenções.

Para que possamos esclarecer o tema em questão, destacam-se, em tal capítulo, ao menos, três elementos: o “tornar-se intuitivo”, as gradações de preenchimento e o ideal da perfeição de adequação. O §16 do referido capítulo afirma que, em cada preenchimento de intenções significativas, encontramos um “tornar-se intuitivo” que, por sua vez, é mais ou menos completo ao longo de uma série de preenchimentos. O preenchimento intuitivo impõe gradações, algo da ordem de uma “relação de aumento” (*Steigerungsrelation*), como assinalará Husserl (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16, p. 66). Ao atribuir o preenchimento ao ato intencional significativo, este “tornar-se intuitivo” assegura a evidência da presença daquilo que é visado. Porém, já na experiência pré-predicativa, essa presença se dá, gradativamente, ao longo de uma série ascendente de preenchimentos (*Steigerungsreihen der Erfüllung*) que aumentam progressivamente, em termos de

---

<sup>4</sup> Como nos diz Rudolf Bernet: “A fenomenologia de Edmund Husserl é essencialmente dominada por conceitos teleológicos. Isso é verdadeiro em suas análises filosóficas do desenvolvimento dos organismos biológicos, assim como em suas considerações do fenômeno cultural” (BERNET, 1979, p. 119). Pode-se dizer que o tema da teleologia em Husserl assume, ao menos, três vias distintas de abordagem: 1) no âmbito das reflexões sobre a crise da cultura, no qual a Filosofia, bem como as suas tarefas infinitas específicas, assumem – como um “arconte” – a diretriz da evolução espiritual da humanidade europeia; 2) na evolução teleológica das ciências que, como derivações sistemáticas da filosofia, vivem um desenvolvimento teleológico de realizações parciais, de um estágio menos perfeito para outro mais perfeito, guiando-se pela ideia fim de se constituir como uma “ciência autêntica”; 3) e por fim, na própria teleologia originária da vida intencional, na qual as intenções significativas inclinam-se, como um fim, para os seus respectivos preenchimentos intuitivos que, por sua vez, desenrolam-se em uma síntese progressiva em direção a um ideal de adequação. No presente artigo, trataremos, especificamente, da terceira via de abordagem do tema em questão. O leitor poderá, contudo, consultar as duas primeiras vias de abordagem, respectivamente, ao final da Primeira Parte de *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia* (HUSSERL, [1935] 1976, I, p. 336) e na Lição 29 do Volume II de *Filosofia Primeira* (HUSSERL, [1923/1924] 1959, Vorlesung 29, p. 14).

um esclarecimento cada vez mais rico e vivaz daquilo que é intencionado<sup>5</sup>.

O que a intenção meramente significativa apenas visa intencionalmente em termos “remotos”, o preenchimento coloca diante de nós, oferecendo à intenção a sua “plenitude” (*Fülle*). Husserl nos diz que, no referido preenchimento, deparamo-nos com o que é visado tal como “é ele próprio” (*das ist es selbst*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16, p. 65), isto é, em sua unidade (posso variar, tanto na percepção como na imaginação, as determinações singulares de uma coisa qualquer sem que ela deixe de ser “ela mesma”, a despeito da variação dos seus momentos singulares). No entanto, conforme o próprio Husserl esclarecerá, desde o §16 e, especificamente, no §24, do Capítulo 3 da Sexta Investigação, a plenitude atribuída por este tornar intuitivo à intenção significativa encontra-se alinhada às séries ascendentes das sínteses de preenchimento nas quais encontramos graus de maior ou menor completude (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, §§ 16/ 24).

Podemos notar três aspectos desse “tornar-se intuitivo”, anunciado no §16 do Capítulo 3 da Sexta Investigação: 1) Husserl indica, na síntese de preenchimento, uma “desigualdade de valor” (*Ungleichwertigkeit*) dos atos intencionais meramente significativos e dos atos intuitivos que se encontram aí enlaçados, de tal modo que o ato intuitivo preenchedor “acrescenta” algo que falta à mera intenção (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16); 2) a relatividade deste “diretamente” e deste “próprio” aponta, novamente, para o fato de que a relação de preenchimento tem em si alguma coisa da ordem de uma “relação de aumento” (*Steigerungsrelation*). Esse preenchimento intuitivo se completa gradativamente por acréscimos em termos de uma presença cada vez mais vivaz e completa do que é visado. Daí Husserl falar de um preenchimento intuitivo “mais ou menos direto” (*“mehr oder minder direkt”*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16, p. 65), indicando, em uma série crescente, a possibilidade de uma progressão de graus cada vez mais completos de claridade do que é visado; 3) e ainda, o encadeamento sucessivo de tais séries de preenchimento aponta para um “limite ideal” (*ideale Grenze*), colocando-nos, para toda série de aumento intuitivo, um objetivo inultrapassável (*unüberschreitbares Ziel*).

---

<sup>5</sup> Levinas assinala, a propósito de tal “série ascendente de preenchimentos” (*Steigerungsreihen der Erfüllung*), que: “O conceito de *Fülle*, assim considerado, nos permite compreender que os atos intuitivos admitem gradações, permitindo-nos ver também a direção dessas gradações”. (LEVINAS, 1963, p. 108)

Husserl apresenta, então, ao final do §16 da Sexta Investigação (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16), um exemplo desta série crescente a partir das sínteses de preenchimento, na qual a imperfeição da apresentação parcial do que é visado seria relativamente superada, progressivamente e continuamente modificada por tais acréscimos de preenchimento. O exemplo nos mostra, em uma série ascendente de preenchimento (*Steigerungsreihen der Erfüllung*), a passagem de um grosseiro desenho apenas esboçado para um desenho a lápis realizado com mais exatidão e, em seguida, a passagem deste desenho a lápis para uma imagem mais nítida, chegando à realização de uma pintura com maior vividez e, por fim, para a presença do mesmo objeto, visivelmente o mesmo. A série de preenchimento e dos aumentos que se dão entre os atos implica, no encadeamento das relações entre os elementos da série, em uma “transitividade” que faz com que, em cada preenchimento que sucede o anterior na série, a presença do que é visado se torne ainda mais nítida e vivaz; paulatinamente, tais preenchimentos que se desenrolam ao longo da série, asseguram, nos termos de Husserl, a doação de “plenitudes cognitivas mais ricas” (*reicherer Erkenntnisfülle*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16, p. 65)<sup>6</sup>.

Husserl aponta, então, para a ideia de uma “adequação” entre a intenção meramente significativa e a intenção intuitiva, dizendo-nos que: “Para cada intenção intuitiva pertence – dito no sentido de possibilidade ideal – uma intenção significativa que lhe é exatamente adequada, de acordo com a matéria” (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 21, p. 76)<sup>7</sup>. Isto é, de acordo com o que determina, no próprio ato intencional, o sentido objetivo do que é visado. Tal adequação faz com que aquilo que é visado seja o “mesmo” em ambas as intenções, significativa e intuitiva. Se o visar intuitivo tem o caráter de preenchedor e, por conseguinte, de “doador de

---

<sup>6</sup> Sobre tal série progressiva de preenchimentos intuitivos, Rudolf Bernet assinala que: “Em outras palavras, a síntese de aparências é sempre ao mesmo tempo uma síntese de preenchimentos. A dinâmica do processo de preenchimento, o interesse cognitivo atual nesse processo é, essencialmente, determinado pela antecipação teleológica de conhecimento absoluto, isto é, da doação adequada do aparecimento do objeto...O interesse afeta, então, o curso concreto da percepção de uma coisa, é dirigido para aquelas aparências que tornam possível uma aproximação deste ideal da doação completa do objeto. Mais precisamente, para Husserl, a percepção de uma coisa é, essencialmente, um processo cognitivo no qual o objeto percebido é continuamente confirmado e completamente determinado, isto é, pré-predicativamente “explicado”” (BERNET, 1979, p. 126).

<sup>7</sup> “Zu jeder intuitiven Intention gehört – im Sinne idealer Möglichkeit gesprochen – eine sich der Materie nach ihr genau anmessende signitive Intention”.

plenitude” (*Fülle gebenden*), as intenções signitivas<sup>8</sup> são em si mesmas “vazias” (“*leer*”)<sup>9</sup> e, por isso mesmo, “necessitam de plenitude” (“*der Fülle bedürftig*”) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 21, p. 76). A transição de uma intenção signitativa para a intuição correspondente somente se torna possível pela evidência – seja perceptiva ou imaginativa – da presença da coisa visada. Não se trata, portanto, em tal transição, de um mero aumento (em sentido “numérico”), como aquele que encontramos na passagem de uma imagem apagada para uma pintura plenamente viva. Antes, falta à intenção signitativa enquanto tal, qualquer plenitude, no sentido da “presença” (*Gegenwärtigung*) daquilo que é visado em termos significativos.

Husserl nos fala, então, um pouco mais a frente, no §37 do Capítulo 5 da Sexta Investigação, de uma espécie de “hierarquia” entre os atos (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 37). Como ele mesmo nos diz, no referido parágrafo: “Os atos signitativos constituem o nível inferior; eles não têm em absoluto nenhuma plenitude; os atos intuitivos têm plenitude, todavia, em distinções graduais do mais e do menos...” (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 37, p. 116)<sup>10</sup>. O preenchimento aparece, como Husserl afirma no §24, na base do primeiro voltar-se para uma plenitude em geral, na acomodação identificadora da intuição “correspondente” de uma intenção signitativa. O ato intuitivo “dá” ao signitativo a sua plenitude na “conexão de coincidência” (*Deckungszusammenhang*) (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 24, p. 84). A consciência de aumento funda-se aqui na coincidência parcial da plenitude com a parte correlativa da intenção signitativa, ao passo que, à “coincidência identificadora” dos pedaços vazios de ambas as intenções, que se correspondem entre si, Husserl não atribui nenhuma participação na consciência de aumento. Na síntese de atos intuitivos, porém, não se encontra sempre um aumento de plenitude; pois o preenchimento parcial e o esvaziamento parcial caminham paralelamente. Há, portanto, um preenchimento e enriquecimento crescentes, mas, sob um

---

<sup>8</sup> Marvin Farber afirma que: “O termo ‘significação’ (*signification*) é o mesmo que ‘sentido’ (*meaning*) para Husserl. Similarmente, ele frequentemente fala de atos significativos ou signitativos, ao invés de atos de intenção-sentido, de sentido, e assim por diante. Signitativo expressa praticamente a oposição a intuitivo. Um sinônimo para signitativo é simbólico” (FARBER, 1943, p. 402).

<sup>9</sup>Como assinala Paul Gyllenhammer (2001), ao mencionar o “vazio” das intenções meramente significativas, Husserl não estaria se referindo a um mero “nada”. Antes sim, ainda que vazias de preenchimentos intuitivos, tais intenções expressam, no discurso comunicativo, uma significação referente à coisa visada, permitindo-nos compreender o objeto antes mesmo que ele pudesse ser percebido (GYLLENHAMMER, 2001).

<sup>10</sup> “*Die unterste Stufe bilden die signitiven Akte; sie haben überhaupt keinen Fülle. Die intuitiven Akte haben Fülle, doch in graduellen Unterschieden des Mehr und Minder*”.

esvaziamento simultâneo. Seja como for, a série das sínteses de preenchimento aponta para um “limite ideal” no aumento da plenitude; especificamente, no caso da percepção, o “mesmo absoluto” (*das absolute Selbst*). Assim, a consideração das relações possíveis de preenchimento aponta para um objetivo conclusivo de aumento de preenchimento, no qual a intenção plena e total alcançou um preenchimento definitivo e derradeiro e não um preenchimento parcial. E onde uma intenção conseguiu um preenchimento definitivo através desta percepção idealmente perfeita, aí se produziu a autêntica *adaequatio rei et intellectus*, o elemento objetivo encontra-se exatamente tal como foi visado, efetivamente “presente” ou “dado” (não está mais implícita uma intenção parcial que careça de seu preenchimento). E, com isso, está indicado o ideal de cada preenchimento e, assim, também do preenchimento significativo. A *adaequatio* encontra-se realizada conscientemente quando a objetividade significada na intenção é dada intuitivamente em sentido rigoroso. Em geral, pode-se dizer que a intenção pensante aspira a seu preenchimento e, mais precisamente, a seu preenchimento definitivo que, por sua vez, se realiza conscientemente na medida em que o elemento a ser preenchido pela intuição não mais implica em intenções não satisfeitas. Temos, então, nesta “hierarquia”, uma dupla aspiração “teleológica”: as intenções significativas aspiram a um preenchimento, ao passo que, na série ascendente de preenchimentos, os preenchimentos parciais aspiram a um preenchimento completo e definitivo e, portanto, a uma “última realização”, aqui entendida como um *telos* da série ascendente de preenchimentos<sup>11</sup>.

## Considerações Finais

A tarefa de esclarecimento fenomenológico do conhecimento – pano de fundo da Sexta Investigação – nos coloca, uma vez mais, face à equiparação husserliana entre “conhecimento” e “preenchimento intuitivo”, anunciada desde a Primeira Investigação. Afinal, para Husserl, em termos fenomenológicos, somente podemos começar a falar de conhecimento na medida em que uma intenção significativa encontra-se fundada numa intuição correspondente e, mais precisamente, na evidência da presença daquilo que é visado intencionalmente. Daí o autor dizer:

---

<sup>11</sup> Nos termos de André Mural: “Esta tendência teleológica é uma tendência intencional. Intencionalidade é teleologia...” (MURALT, 1974, p. 27).

“Equiparamos o preenchimento ao conhecimento (em sentido estrito)” (HUSSERL, [1901] 1913b, 1968, § 16, p. 65)<sup>12</sup>. Tal equiparação nos obriga, por sua vez, a tratar da relação entre intenções significativas e intuitivas, bem como da unidade estabelecida entre ambas.

Se a Sexta Investigação se tornou, particularmente, conhecida do grande público pela descoberta da “intuição categorial”, já no primeiro capítulo do último volume das *Investigações*, uma das novidades repousa, justamente, sobre a apresentação deste duplo sentido – “estático” e “dinâmico” – da unidade fenomenológica entre intenções significativas e intuitivas. Enquanto “unidade de conhecimento”, posto que, em ambos os sentidos mencionados, se trata da mesma situação (de intenção significativa e de seu respectivo preenchimento intuitivo), a unidade fenomenológica entre tais intenções pode ser, como vimos, concebida a partir de duas perspectivas. Na primeira delas, conforme mostrado, o nome expresso significativamente como que se encontra “em repouso” sobre a coisa nomeada, de modo que a intenção significativa encontra-se preenchida pela intenção intuitiva, em uma “cobertura em repouso”. Como vimos, não são, propriamente, o nome e a coisa que se encontra em “relação”, mas sim, os referidos atos intencionais para os quais aparecem, respectivamente, a palavra e a coisa. Dá-se apenas a consciência desta unidade “estática”. Já na perspectiva dinâmica, ao invés de uma justaposição entre tais intenções, falamos de uma “sucessão” na qual o ato intencional significativo antecede os seus respectivos preenchimentos de intuição. Dá-se, em tal processo, um “acréscimo” às referidas intenções, assegurando-nos, com isso, a “consciência de preenchimento”. As intenções significativas voltam-se, teleologicamente, para a chegada dos primeiros preenchimentos intuitivos que, por sua vez, aspiram continuamente a preenchimentos cada vez mais perfeitos, tendo o ideal de perfeição de adequação entre intenções significativas e preenchimentos intuitivos como o seu “fim último”. Em tal série de preenchimentos, tratar-se-ia, portanto, de uma camada teleológica inerente à vida intencional.

A título de conclusão, destaca-se ainda que o tema da teleologia em Husserl se tornou particularmente conhecido do grande público a partir da reflexão husserliana – presente no início dos anos 20 e consolidada na década de 30 –

---

<sup>12</sup> “*Wir hatten Erfüllung mit Erkennung (im engeren Sinn)*”.

sobre a crise da humanidade europeia. Nota-se, contudo, que da própria filosofia – cuja função é, nos termos de Husserl (HUSSERL, [1935] 1976, I, p. 336), a de um “arconte” (*archontische*) dessa humanidade – ramificam-se, sistematicamente, as demais ciências que, por sua vez, caminham, teleologicamente, com suas realizações parciais, passando de um estágio menos perfeito para um estágio mais perfeito (HUSSERL, [1923/1924] 1959, Vorlesung 29). Tais realizações somente se tornam possíveis na medida em que as ciências fundam na “evidência” das coisas (ou de estados de coisas) os juízos que formulam sobre seus objetos. E é justamente aí que nos deparamos com esta teleologia originária da vida intencional, revelada pelas *Investigações Lógicas* de 1901. Surge, por fim, a tarefa de elucidar a conexão entre tais “camadas teleológicas”: do ideal da razão filosófica da humanidade europeia, da ramificação das ciências e de suas realizações teleológicas e, por último, da teleologia originária da própria vida intencional. Tal tarefa de elucidação da referida conexão entre tais camadas teleológicas ficará, todavia, para outra ocasião.

## Referências

BERNET, R. “Perception as a Teleological Process of Cognition”. In: Tymieniecka, A-T (Edited by) *The teleologies in husserlian phenomenology. The irreducible element in man (Analecta Husserliana - Volume IX)*. Dordrecht/ Holland: D Reidel Publishing Company, 1979, pp. 119-132.

FARBER, M. *The Foundations of Phenomenology. Edmund Husserl and the Quest for a Rigorous Science of Philosophy*. Cambridge – Massachusetts: Harvard University Press, 1943.

GYLLENHAMMER, P. “On Fulfillment: Uncovering the Possibility of a New Objective Insight”. In: *Auslegung: a journal of philosophy*. Volume 24, Number 2, Summer/Fall 2001.  
HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen. Zweiter Band. Teil I. “Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis”*. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913a, 1968).

\_\_\_\_\_. *Logische Untersuchungen. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”*. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913b, 1968).

\_\_\_\_\_. *Erste Philosophie (1923/1924)*. Zweiter Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959).

\_\_\_\_\_. *Cartesianische Meditationen und PariserVorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: MartinusNijhoff, ([1931/ 1929] 1973).

\_\_\_\_\_. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Husserliana*. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1935] 1976).

LEVINAS, E. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 1963.

MURALT, A. *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*. Evanston: Northwestern University Press, 1974.

TOURINHO, C. D. C. “Percepção e Imaginação em Husserl: da coisa ‘ela própria’ à reprodução por ‘semelhança’”. In: *Aufklärung: Revista de Filosofia*. João Pessoa – PB, Volume 7 (nº 3), pp. 11-20, Setembro-Dezembro de 2020.

RECEBIDO: 23/07/2020  
Aprovado: 25/05/2021

RECEIVED: 23/07/2020  
Approved: 25/05/2021